



ÓRFÃOS EM TRÂNSITO: A REPRESENTAÇÃO DA ERRÂNCIA EM RASTROS DE VERÃO DE JOÃO GILBERTO NOLL

Francisca Gilmara da Silva Almiro; Antônio Cleonildo da Silva Costa

Universidade do Estado Rio Grande do Norte – gilmargalmiro_21@hotmail.com

RESUMO: É inegável que a constância das transformações, da movimentação acomete a humanidade há muito tempo. Na produção literária brasileira, vemos que no romance pós-moderno, João Gilberto Noll, constrói seus personagens a partir de uma constante movimentação, sujeitos desterritorializados do mundo em que vivem. São personagens herdeiros de uma luta consigo mesmo, de frustrações e insucessos, de andanças vagas. São indivíduos que adentram na busca pelo estar entre um e outro lugar. Nessa perspectiva, objetivamos neste trabalho analisar a obra *Rastros de Verão* do escritor contemporâneo João Gilberto Noll. Para interpretarmos o universo literário do autor, tomamos como ponto de partida a errância que constrói os personagens e suas identidades ao longo da narrativa. Para amparo teórico organizamos nossa pesquisa a partir das reflexões de Deleuze e Guattari (1995) a respeito do nomadismo que toma o ser na pós modernidade, Mafessoli (2001) para tratar do desejo de errância que acomete os indivíduos, Hall (2006) e Bauman (2005) para as questões referentes a construção da identidade na pós modernidade. Estes aspectos desencadeiam uma discussão que nos leva a entender os diversos caminhos que o mundo dos personagens e, de um modo geral, a literatura de Noll nos permite percorrer, dentre eles, o labirinto que faz do personagem um eterno viajante, um ser indefinido que está a procura de lugares incertos, um ser errante.

PALAVRAS CHAVE: errância, nomadismo, andarilho, identidade, movimento.

INTRODUÇÃO

Inscrito na contemporaneidade com um fazer literário instigante, João Gilberto Noll, escritor nascido em Porto Alegre em 1946, insere-se na literatura brasileira como um dos ficcionistas mais originais dos últimos trinta anos. Recorrendo a uma linguagem fragmentada, o autor dá vida ao ser angustiado da pós-modernidade, revela homens que cultivam incertezas do momento presente e deixam a vida acontecer em um movimento que perpassa o ambiente físico. O autor traz em suas narrativas, protagonistas

que transitam entre o ser e o não ser, trafegam entre um lugar e outro em um nomadismo territorial e identitário que não cessa.

Além de personagens, encontramos também narradores confusos. A literatura de Noll nos aponta um emaranhado de caminhos em que os personagens, o próprio narrador são órfãos em trânsito, se deixam afetar pelo mundo à sua volta e, espera dele somente a possibilidade de continuar vagando, uma vez que não estão presos a nada, nem a ninguém, não têm nada a perder ou a deixar. Em outras palavras, as narrativas de Noll estão repletas



das experiências de mundo vivenciadas por seus personagens, os quais, em suas andanças, se movem sem definição de identidade e de destino.

Em *Rastros de Verão*, objeto de nosso estudo, o trânsito, o mal estar da vida que acomete os personagens são marcas visíveis que os fazem percorrer por espaços inimagináveis. O ambiente da casa, do lar é esquecido e afloram na memória os movimentos que caracterizam uma identidade também fluida, que não se configura em definição, mas em trânsito. Não temos mais o personagem decidido, que desenrola as ações com facilidade, mas aquele cheio de dúvidas e incertezas, um personagem, protagonista ou não, imerso em divagações da consciência embaçada e que, por assim ser, acabam por nos envolver enquanto leitores.

Portanto, é partindo do pressuposto de que há a representação da errância em obras de João Gilberto Noll, que destacamos a importância da análise do romance *Rastros de Verão*, publicado em 1986. Isso é possível porque os personagens construídos no livro vivem em processos de desenraizamentos e desterritorializações tanto de tempo quanto de espaço, os quais refletem na construção de suas identidades.

O DESEJO PELA ERRÂNCIA

A obra escolhida para análise, como já citado na introdução é intitulada *Rastros de Verão*. É um romance que se torna campo de batalha para o leitor, haja vista, acontecer em um estado movente, tanto na própria linguagem quanto na formação e movimentação dos personagens. Temos como narrador e protagonista um homem de 40 anos, que sai de ônibus do Rio de Janeiro e, sem destino, chega até Porto Alegre. Sem nenhuma bagagem, nem tão pouco uma família fixa, o personagem sai a procura do pai, o qual nunca aparece. Desse modo o protagonista mostra-se ao leitor como um ser errante da própria vida. Relata apenas, através de sua memória, as lembranças por onde passara.

Antes de passarmos à análise do texto propriamente dito é interessante ressaltar que o título do romance já sugere a ideia de algo transitório, daquilo que se apaga e renasce constantemente. A expressão “rastros de verão” traz em sua denotação a interpretação de que rastro é apenas o que restou de algo que se foi, enquanto que verão é a estação também transitória, o que vai e volta. Os dois termos juntos sugerem a ideia de movimentação, de circulação das ações que prevalece na obra, de elementos que surgem e se apagam através do trânsito.

Entre amizades e relações sexuais, o narrador protagonista reflete sobre sua vida



de andanças, sobre o sentido e falta dele. Em uma linguagem despojada, crua, Noll nos traz mais uma narrativa que mostra o vazio disposto no interior do ser humano. São seres desamparados, órfãos da vida, movidos pelo contato fugaz com o outro, o qual logo se vai.

Dito de outro modo, o sujeito perde o sentido em si e passa por um descentramento. Sobre essa perda de sentido dos indivíduos na contemporaneidade Hall (2006) alude que:

Esta perda de um “sentido em si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento — descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma crise de identidade” para o indivíduo. [...] a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza [...]” (HALL, 2006, p. 9)

O protagonista de *Rastros de Verão* possui características visíveis do que Hall define como sujeito descentrado. Em toda a narrativa, o personagem constroi seu discurso mostrando a frequência de movimentação, de afastamentos do lugar-comum, entre um desejo e outro, sem chegar ao espaço e a

realização de desejo definido. Como exemplo do que elencamos acima, vejamos um trecho do romance em que o personagem principal conversa com o amigo encontrado na rua:

[...] A minha boca salivava muito. Eu me virei para o lado e cuspi. O garoto levou a mão em concha para trás do ouvido e disse, o quê? Nada garoto, respondi. Eu quero apenas passar as próximas horas numa boa, o resto é tudo o que eu quero esquecer. Ele respondeu que é por essas e outras que ia viver agora de porto em porto, sem de deter muito no que ele queria esquecer. Olhei o garoto e o invejei loucamente: tudo o que ele viesse a viver seria maior do que tinha vivido até aqui. Um garoto de futuro pensei. Eu passaria as próximas horas lhe proporcionando uma noite típica de taberna. Após beber cada chope de um fôlego jogaríamos os copos no chão, e depois eu pagaria por todos os



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estragos. Ele falou que continuássemos a andar. (NOLL, 2008, p. 24)

No trecho supracitado tanto o narrador protagonista, quanto o seu amigo andarilho representam a imagem da inquietação, da descontinuidade, do ir e vir sem destino algum. São personagens insatisfeitos com a monotonia da vida e que encontram no deslocamento do seu lugar-comum o prazer momentâneo. São nômades que passam por processos de colagens entre os espaços e acontecimentos da vida pelos quais vagam. Eles estão imerso em não-lugares, desterritorializados, desapegados de suas raízes nacionais e identitárias, porém, ao mesmo tempo em que passam por esse processo de desterritorialização, eles desvendam, através de seus discursos a sensação de prazer em ser um andarilho constante. Os homens parecem perder a consciência de si mesmos e apresentam-se, pelo discurso do narrador, ao leitor como indivíduos que estão a procura de algo que não está em lugar nenhum.

Este fato nos conduz ao entendimento de que os dois personagens citados no trecho acima constroem uma identidade cindida, a qual busca o movimento que está tanto no lugar físico quanto mental. Nessa perspectiva de construção identitária dos personagens

podemos fazer analogia ao que Balman (2005) nos diz sobre a identidade. Para o autor, as identidades que constituem os sujeitos asseguram-se em um processo de transformação constante, pois, nas palavras do teórico:

[...] Nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comuns de nossas identidades *em movimento*-lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo [...] Com o mundo se movendo em alta velocidade e em constante aceleração, você não pode mais confiar na pretensa utilidade dessas estruturas de referência com base na sua suposta durabilidade (para não dizer atemporalidade). Na verdade, você não confia nelas nem precisa delas. (p.32/33)

Dito de outro modo, o contexto em que vivemos exige que nós acompanhemos as inovações que surgem. Este acompanhamento nos proporciona um movimento de nós mesmos, no nosso interior que advém de outro(s) movimentos oferecidos pela pós-modernidade, fato este que nos torna indivíduos fragmentados em um mundo



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

também fragmentado. Não podemos mais ser *um* que se constrói sozinho, mas *vários* que constituem um “eu” cindido. Já não mais existe uma estrutura estável em que as pessoas se caracterizam por ter determinada identidade, acabada, por estar em único e imóvel lugar, pois o movimento do mundo contemporâneo exige também que o ser humano acompanhe esse processo de modificações, de mutações, de deslocamentos de identidades, de nomadismo.

Sobre o pós-modernismo Eagleton (1998) nos diz que é uma espécie de estilo de cultura que reflete em nós as modificações causadas pela pós-modernidade, “[...] por meio de uma arte superficial, descentrada, infundada, auto-reflexiva, divertida, caudatária, eclética e pluralista [...]” (EAGLETON, 1998, p.7)

Retomando ao romance é interessante notar que na errância de si mesmo, na formação de sua(s) identidade(s) o personagem encontra uma sociedade momentânea. Ele se vê disperso, desorganizado, errante em seus “eus”, porém é algo, segundo ele mesmo, que se assemelha a uma escola de samba ao transitar na avenida, pois tudo, todos os desejos passam rapidamente. Sobre esse momento de satisfação momentânea, vejamos o trecho que segue:

Pegamos nossas roupas e voltamos para o quarto. O garoto ligou o rádio. O locutor fazia um acalorado comentário de desfile da Mangueira na madrugada de segunda. Contava que ele tinha chegado hoje ao meio-dia do Rio e que fora as duas noites do Sambódromo, vira a verde-rosa passar, e não tinha dúvidas de que a escola sairia vitoriosa. Depois tocou uma longa faixa do Police. E o garoto dançava olhando pela janela. Eu me sentei no chão, com as costas apoiadas contra a cama. E pensei que um quarto assim era tudo o que eu precisava. (NOLL, 2008, p. 28)

O personagem por um período de curto de tempo passa a dizer que o ambiente em que ele estava era muito bom e tudo que ele precisava ter. O que ora percebemos é que a satisfação em permanecer era também passageira, nômade. Ele passa por processos de exílio e contato com outras pessoas como o menino encontrado na rua, como a dona da casa, a qual o menino passa um espaço de



tempo, o filho da senhora. Por esses desejos de “ir”, de estar a transitar vai ficando nítido que a errância para o personagem é algo que o faz retornar para si mesmo.

Observemos o trecho que mostra, de forma clara, o desejo de ser um sujeito errante:

[...] queria um espaço imenso por onde eu pudesse andar, onde o tempo ocorresse pela ação dos meus pés, o meu corpo existindo para percorrer, onde eu parasse também e na manhã radiosa prosseguisse, onde a vida fosse sempre um novo lugar. Pois é, disse o garoto que me escutava sim: dizia um marinheiro português que quanto mais paisagens, mais convites para se ficar [...] contei que desde criança eu tive uma coisa assim, de querer fechar os olhos e quando os abrisse estar num outro ambiente, quem sabe uma outra cidade, quem sabe até um outro mundo que eu não tivesse nem imagens para conceber. O garoto disse que

por isso ia passar a vida viajando, porque a cada porto ia abrir os olhos novamente. (NOLL, 2008, p. 21)

Para os personagens o momento de travessia, de nomadismo é algo tão prazeroso que eles passariam a vida toda perambulando sem destino. Para eles as viagens, os lugares por onde percorrem funcionam como processos de aprendizagem sobre si mesmo e está na natureza do ser humano. Esse espírito dessassossegado que os acompanha transforma-os em sujeitos que se adaptam, se familiarizam facilmente com os novos ambientes a que chegam.

Desse modo, podemos afirmar, segundo Michel Maffesoli (2001), que nós, enquanto sujeitos, somos estrangeiros, seres nômades, errantes na construção de nossas identidades, tanto no sentido social quanto cultural, haja vista que a errância está inscrita “na própria estrutura da natureza humana; quer se trate de nomadismo individual ou social” (Id, op. cit., p. 37).

Na territorialidade da casa na qual o menino mora, o homem adentra pelos recantos e neles percebe um conjunto de possibilidades até então não vivida. É lhe oferecida, além de outros aspectos, a posse do corpo de todos os outros personagens. Ele é o estrangeiro que é sinônimo de novidade, a qual é bem vinda e aceitável na casa. Ele



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mantém relacionamentos sexuais com o menino e com a mulher e sente-se revigorado por experimentar situações novas. Por alguns momentos é o medo o guia, porém em outros, a presença e o relacionamento se tornam familiares.

Nesse sentido, o andarilho é reconhecido por eles como alguém que em um primeiro momento desperta curiosidade e depois se torna familiar. A esse respeito Michel Maffesoli (2001, p. 14) alude que “O andarilho, como o nome indica, serve de certa forma de má consciência. Ele violenta por sua própria situação, a ordem estabelecida, e lembra o valor de pôr-se a caminho.”

Vale ressaltar que até mesmo no ambiente da casa o homem não consegue ficar parado. Suas movimentações são constantes, do quarto para a sala, para a cozinha e vice-versa. Além disso, vários outros elementos que dão ideia de transitoriedade estão presentes, como a música, algo que passa, aos transeuntes na imagem da janela, a qual permite ao personagem ver somente aquilo que transita rapidamente, dentre outros. Sobre isso, observemos o trecho:

Eu me sentei na cama. Perguntei se ele não tinha leite em casa. O garto foi à cozinha, ouvi ele abrir a geladeira. Gritou de lá que

tinha leite sim. Desliguei o rádio, saí do quarto e entrei na cozinha — que ficava na frente do quarto. Entre o quarto e a cozinha parei um pouco para olhar o que eu podia ver do resto do apartamento. Eu via logo depois a sala, depois um corredor com três portas. Uma porta deveria ser a do banheiro, duas de outros dois quartos. (Noll, 2008, p.31)

Ao lado do menino, o homem parece sentir a presença do que o conduz a um novo trajeto. É como se o garoto conduzisse o caminho a seguir. Na cena, percebemos que o narrador tem todas as possibilidades para ir ao seu destino, a cozinha, sem se preocupar com outro aspecto, mas movido pela curiosidade ele para e adentra por outros ambientes da casa. Pelo trecho parece que o narrador relata essa nova experiência de mundo de forma avessa, distorcida, uma vez que ele se deixa influenciar pelo que o menino lhe sugere. Seus relatos de vivência mostram o amálgama social em que vive e as experimentações de uma vida descentrada e pós-moderna.

Fazendo uma analogia ao que Deleuze e Guattari (1995) teorizam sobre o



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nomadismo entendemos que as experiências dos personagens acontecem pelas desterritorializações, pelas errâncias que elas fazem tanto no espaço físico quanto no espaço mental. São seres que se deixam viver pelo movimento, pelo acontecimento natural das coisas, andarilhos física e mentalmente solitários que estão a perambular no tempo e no espaço, sem bagagem, apenas com o desejo de contemplação, do movimentar-se sem parar, de perder-se para depois achar-se e perder-se novamente. Vejamos o trecho que inicia o romance:

Um homem debaixo de uma árvore, sentado num banco de pedra, a cabeça pendida olhando os pés descalços. De repente ele olha para o fim da planície e sente como se um colapso, e acorda. Foi quando abriu os olhos, e o motorista do ônibus batia no meu braço, pedia que eu acordasse porque tínhamos chegado. E chegamos na hora, três da tarde, ele completou. Notei que no ônibus agora só havia eu e o motorista. Fazia muito calor. O motorista afastou-se, e antes de

descer virou-se para mim e disse que tínhamos chegado em Porto Alegre. Eu respondi que sim, eu sei — e olhei pela janela e vi alguns passageiros aguardando a bagagem que iria ser retirada do porão do ônibus. Lembrei que era Terça-Feira Gorda. Então calcei os spatos e me levantei. E antes de olhar compulsivamente sobre o bagageiro me ocorreu a lembrança compulsivamente de que não tinha nada comigo. Que era só descer do ônibus e ir. (NOLL, 2008, p. 7)

Vemos no trecho destacado que o personagem é estimulado pela inexatidão das ações e da vida. Ele está imerso em incertezas que vão desde continuar a procura do pai ou continuar a vagar deixando para trás tudo o vivido até então. Holgonsi Soares (1997) nos diz nitidamente que esse fato é característico da sociedade contemporânea. Segundo o mesmo autor, na época atual em que vivemos não há mais uma referência exata para as coisas, pois o fator predominante é a incerteza de tudo. Para ele, o ser humano desenrola as



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

atividades a partir de um imediatismo que torna o homem um ser desarticulado, desterritorializado.

Sobre esse pensamento da desterritorialização Deleuze e Guatarri (1995) nos traz que o errante se desterritorializa para depois de reterritorializar. Dito de outro modo, os seres errantes buscam desorientar-se, desterritorializar-se através da própria errância. Eles acham-se e perdem-se em espaços sem fronteiras, móveis, que arrastam tudo e a todos em uma liquidez que não cessa e que impõe ao indivíduo a eternidade do movimento. É o que parece acontecer com os personagens de *Rastros de Verão*.

Sobre o prazer de andanças vemos que todos os personagens vivem esse desejo de ser andarilho. As ações desenroladas na narrativa nos levam a perceber que todos eles não se prendem a lugar nenhum, nem tão pouco a ninguém, mas vivem em um movimento acelerado entre o “ir” e o “ir”. Até mesmo nas relações sexuais que o protagonista mantém com os demais percebemos o desejo de sair, de alcançar o infinito. Sobre isso, vejamos o trecho:

Me levantei e fui ao banheiro mijar. Quando peguei o meu pau vi que nele havia manchas secas de sangue. Imediatamente me

veio uma ereção. É uma sensação de quando o pau penetra. Soltei o meu pau e o vi todo em riste, como se quisesse sair de mim e alcançar algum alvo distante.

Olhei-o como se ele não fosse meu. Um corpo cheio de fúria, enquanto eu passava os dias moroso para qualquer investida. Olhei para trás e me vi no espelho. Quando voltei a olhar para o meu pau vi que ele estava mirrando novamente, com um jeito um pouco humilhado.

Percebemos que há um o confronto entre o “eu” e o “outro” em *Rastros de Verão*. Esse fato permite que a o narrador se relacione dinamicamente em oposições e identificações sincrônicas com as demais personagens, uma vez que os outros, que contém “diferenças” e “semelhanças” em relação a ele, são condições para que ele exista. São esses outros com quem ela mantém uma conversação dialógica, relações sexuais que o constituem.

Outro fato relevante a se ressaltar é que não se percebe a nenhum momento o desejo do retorno. A título de exemplo, vejamos o recorte do romance:

Voltamos a caminhar, e eu pensei satisfeito nos dias longos do verão em Porto Alegre, ainda mais que dessa vez era horário de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

verão. O sol ainda brilhava muito forte, e como eu estava sem camisa fantasiei: talvez até a noite eu já esteja bronzeado, pelo menos o suficiente para não parecer transparente ao lado da pele azeitonada do garoto. Engraçado que mesmo com todas as desvantagens naturais que eu pudesse ter, eu sentia que me queria bem. Não tinha dúvidas de que nenhum som conseguiria me devolver sei lá, o sal da pele que o garoto deveria ter, mas o me querer bem, não sei, vinha da certeza de que a vida realmente é rápida e que eu não tinha mais nada a perder.

O garoto chutou um pequeno frasco que estava no meio da calçada. O vidro estilhaçou contra o poste. Depois ele parou e disse que a gente dobrasse e subisse aquela rua, ele morava logo ali na Riachuelo e queria passar em casa para tomar um banho, que se eu quisesse, fizesse o mesmo,

ele morava num quarto alugado no apartamento de uma mulher que vivia com o filho um guri pequeno, estavam viajando. (NOLL, 2008, p. 26)

Vemos que o sujeito representado por Noll em *Rastros de Verão* se nega a voltar ao passado. Ele quer seguir sem destino e nega buscar as experiências de um tempo passado emergindo como um ser que cristaliza em suas memórias o trânsito fluido do momento presente. É o homem que se deixa levar pelas novidades que lhe aparecem na velocidade do movimento, porém ele não é um indivíduo que pode fazer suas escolhas em plena liberdade, mas aquele que leva em consideração as inferências feitas pelo outro. Na obra em análise, percebemos isso até mesmo quando o menino o convida para tomar um banho na casa da senhora. O protagonista pensa em dizer não, mas impulsionado pelo que o menino haveria de pensar, ele prossegue.

Outro fato que merece destaque na obra é imagem da cigana, figura caracterizada também por ser indivíduo de andanças, errante. É a figura que se adapta ao nomadismo, aos deslocamentos sem ponto de parada. Observemos o contato do protagonista com a cigana:



Quando eu descia a rampa de caracol da outra ponta uma cigana, que subia, se aproximou e perguntou em castelhano se eu queria que ela lesse a minha sorte. Falei que eu não tinha muito tempo, mas antes de terminar a frase notei que a minha mão estava aberta e que a cigana a tomava em suas mãos [...] Dei a soma que ela pedia, e continuei a andar. (NOLL, 2008, p.9)

O que percebemos é que o personagem parece se recusar a fixar raízes. Ele quer apenas continuar a andar. Está imerso nele o espírito aventureiro inato ao homem. Desse modo, ele prefere partir optando pelo vagar, o que de acordo com Deleuze e Guatarri (1997) caracteriza disposição pelo ser nômade. O processo de nomadismo segundo o mesmo autor firma as marcas identitárias, faz com que as marcas de pertencimento a um lugar físico seja substituído por outro aparente fixo. É um descentramento que o personagem sofre de seu ambiente para se centrar em outro e, logo em seguida, descentrar-se novamente. Ele

desterritorializa-se para reterritorializar-se novamente depois.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Na tessitura da análise percebemos que os personagens entram em uma zona de convergência, uma vez que todos estão na condição de errância, de nomadismo incessante. Vale notar que até mesmo a escolha dos verbos utilizados pelo autor trazem essa ideia de transitoriedade. Vocábulos como *ir*, *transitar*, *descia*, *subia*, *continuei*, *andei* nos trazem a ideia de movimentação, de algo que está sempre saindo de um lugar para outro. O personagem está na busca de encontrar algo que nem ele mesmo sabe o que é. O desejo é apenas ir, sair de um lugar a outro, construir identidades desconhecidas e abandoná-las logo em seguida.

Na narrativa de Noll vemos personagens permeados por incertezas. São indivíduos que constroem identidades que parecem se completar coletivamente pelo outro e pelo desejo de sair do espaço físico. Para eles era preciso sair do lugar do cômodo em que se vive e construir-se, mesmo que seu lado avesso viesse da errância, do nomadismo e/ou da propícia busca de se encontrar por entre o que lhe é desconhecido. Dito de outro modo, a construção da identidade do



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

personagem acontece pela fluidez, ou seja se apresenta na condição de errância no espaço físico e consequentemente identitário.

<<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/index.gdesterrito.html>>. Acesso em: 12 maio 2005.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. bras. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAFFESOLI, M. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2001.

SOARES, Holgonsi. **Globalização: sobre a desterritorialização**. 1997. Disponível em: